

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

QUEBRA OU REPRODUÇÃO DA PRÁTICA: O TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO EM UMA APREENSÃO TECNOMÁGICA NA CULTURA DIGITAL

Maria Clara Lima de Menezes

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17880>

Submetido em: 2026-09-01

Postado em: 2026-09-03 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

QUEBRA OU REPRODUÇÃO DA PRÁTICA: O TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO EM UMA APREENSÃO TECNOMÁGICA NA CULTURA DIGITAL

MARIA CLARA LIMA DE MENEZES

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3312-5315>

<claraamenezess@gmail.com>

Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba, Doutoranda em Sociologia (PPGS/UFPB), João Pessoa, PB, Brasil

RESUMO: A multiplicação de marcas e utensílios de limpeza é um dos principais ramos da criação de conteúdo nas redes sociais. Esse conteúdo objetivo desemboca em um mais subjetivo que é construído em termos de propagandas, lidas como postagens com um alvo demográfico bem delimitado que alcança novos níveis quando esse conteúdo é amplamente compartilhado nas redes. O que se tem é a produção de um conteúdo que parece trabalho. Baseado nessa premissa, este artigo se propõe a analisar como o trabalho doméstico é retratado dentro das mídias sociais como um novo nicho de produção de conteúdo que pode trazer um novo ponto de vista sobre um trabalho que historicamente é visto dentro de um ambiente privado. Ao aparecer nas redes sociais, esse trabalho pode ser compartilhado tanto como um conteúdo como uma nova forma de contratação, dentro do que a sociologia do trabalho vai chamar de “plataformização” do trabalho. Ao focar em uma metodologia qualitativa, uma etnografia virtual foi realizada a partir da análise de postagens em vídeos e imagens, junto aos comentários sobre elas, disponíveis em perfis públicos nas redes sociais. Esses perfis e seus autores, embora produzam conteúdo com esse tema, não são considerados trabalhadoras(es) domésticas(os). Esta análise procura contribuir para a sociologia da cultura, da moral e do imaginário, com foco nas mudanças tecnológicas recentes, ao ir além da análise do trabalho doméstico apenas de sua perspectiva laboral.

Palavras-chave: trabalho doméstico, redes sociais, imaginário social, tecnomagia, sociologia da moral.

BREAKING WITH OR REPRODUCING THE PRACTICE: PAID DOMESTIC WORK IN A TECHNOMAGICAL PERCEPTION WITHIN DIGITAL CULTURE

ABSTRACT: The multiplication of cleaning brands or tools is one of the main branches of social media creations. As this first content, an objective one, follows a more subjective one constructed in terms of advertising (posts with a demographic target when the profile expands rapidly through the social network). What in the first place could look like “just a work”, portrayed inside the posts, becomes a second work: the task of doing the content that looks like work. Based on this premise, this paper aims to analyse how domestic work is portrayed inside social media as a niche of content

that brings a new point of view through a work that historically takes place in a private environment. Using a qualitative methodology, a virtual ethnography was conducted by reviewing social media posts, their contents and comments, focusing on the images, videos, and phrases shared, as well as the perceptions of the people involved. This work takes place within the sociology of culture, the imaginary, and the moral, extending beyond the work itself.

Keywords: domestic work, social medias, social imaginary, technomagic, sociology of morality.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma tese em andamento que parte do entendimento do trabalho doméstico remunerado enquanto uma prática social, a partir das ações, agências, morais e afetividades (Gherardi, 2015; Schatzki, 2010) que a circulam e ajudam a compô-lo enquanto tal: uma prática produzida e reproduzida no e pelo imaginário social (Silva, 2006; Menezes, 2026; Menezes & Bispo, 2026). A apreensão da prática social aqui, dentro do que se convencionou falar de *practice turn* (Schatzki, 2001), tem uma vertente material, feminista e pós-humanista que elabora a prática a partir de sua execução e contato com outros agentes: tecnologias, utensílios, não-humanos e mais-que-humanos (Cozza & Gherardi, 2023). Com isso em mente, as tecnologias quanto ao uso de utensílios de trabalho (rodos especiais, aspiradores, produtos de limpeza profissionais, dentre outros) se expandem e se tornam, também, plataformas de trabalho: as redes sociais e o algoritmo que controla a sociedade numérica (Susca, 2024).

Dentro desse processo sociomaterial de criação de novas *agências* (formas e utensílios de trabalho) e *atores* (produtores de conteúdo e antigas trabalhadoras domésticas que encontram nas redes sociais uma plataforma de valorização, divulgação e compartilhamento das alegrias e penúrias do seu trabalho), a prática do trabalho doméstico, em si, pouco se atualiza. Ou, melhor, se refaz cedendo espaço a uma publicização de uma atividade historicamente situada no privado, mas que ainda é melhor remunerada quanto mais você se distancia do ideal precário dessa atividade: a *praticante convencional* e a forma de trabalho precarizada e regulada por horários e relações pouco fixos/as (quando diaristas) ou muito restritos/as (quando trabalhadora por carteira assinada) (Menezes, 2026). Nesse arsenal de práticas, o trabalho doméstico se desenvolve com outros contornos na contemporaneidade, e a partir do espaço cedido pelo algoritmo para que suas atrizes cheguem a uma valorização de sua atividade ou, apenas, a um sobretrabalho incorporado na e pela

capitalização de seus recursos sociais (tempo, imagem, afetos e emoções) (Berardi, 2010; 2019; Abílio, 2021; Ferreira, 2025).

Dentro desse panorama social e teórico, este trabalho procura apresentar incursões de campo e problematizações iniciais que colocam o trabalho doméstico no centro do debate tecnológico, ao incorporar as sociomaterialidades da prática (Schatzki, 2010). Portanto, este texto está dividido em três macrotópicos: 1) apresentação do ponto de partida, da ideia e da alocação desse trabalho em uma agenda de pesquisa mais ampla; 2) o papel que as redes sociais exercem na elaboração do que é considerado trabalho doméstico, quais atores o executam e a partir de que plataformas podemos elaborar suas experiências, sociabilidades e emoções; e, 3) da diferença entre a vida *online* e *offline* que dita o ritmo dessa nova forma de trabalho. Longe do ambiente privado da “casa de família” ou de sua própria residência, as redes sociais são arenas públicas onde a emoção é compartilhada como mecanismo de reprodução do algoritmo (Susca, 2024). Nesse sentido, o trabalho doméstico passa a ser visto ora como trabalho, ora como conteúdo. Mas a sua valorização é ainda distinta a depender do nicho que ocupa e das emoções que desperta naqueles que o consomem (empregadores, contratantes e espectadores).

Em termos metodológicos, este texto se organiza a partir de arranjos de pesquisa e experiências pessoais que possibilitaram o conhecimento sobre os perfis analisados, as ferramentas de trabalho e o contato com a emoção pública que surge desse processo. Portanto, foram realizadas uma etnografia virtual e observações participantes a partir da presença diária e cotidiana em redes sociais (Instagram e YouTube) como consumidora, expectadora e crítica desse conteúdo. Ao longo do processo em andamento que conta, agora, com 1 ano de duração, foram mapeados perfis de praticantes do trabalho doméstico remunerado que utilizam as redes sociais como plataforma de divulgação e compartilhamento sobre o seu trabalho, ainda realizado no âmbito privado. Também, perfis públicos de indivíduos ou grupos que perfazem o trabalho doméstico como nicho de produção de conteúdo para as redes, a partir da arrumação, limpeza e dicas de decoração diárias. Ambos os contextos, em um nível menor (o das trabalhadoras) e em um nível maior (o dos produtores de conteúdo), elegem e organizam comunidades online onde há um entendimento mútuo da prática de trabalho. Porém, de maneiras distintas.

1. ESTABELECENDO UM PONTO DE PARTIDA: TRABALHO EM REDE COMO UMA SOCIOMATERIALIDADE

Essa discussão foi idealizada por uma preocupação que aparece a partir do meu uso pessoal de redes sociais e, com ele, a percepção do mecanismo algorítmico que cria consigo grupos identitários (Susca, 2024). Eles existem, ao mesmo tempo, entre uma cultura virtual e uma realidade virtualizada: gostos, rotinas e até "gatilhos" são compartilhados. Exemplo dos chamados "gatilhos" (tópicos sensíveis que afetam um número considerável de pessoas em um grupo de emoções compartilhadas) é a massificação de vídeos sobre relacionamentos interpessoais e a pressão do algoritmo para levar conteúdo de rupturas, traições, comportamentos considerados tóxicos etc. Alguns psicólogos, que também compartilham seus trabalhos nas redes sociais, vão pontuar algo na linha de "[...] o algoritmo *quer* que você termine o seu relacionamento, assim, mais tempo nas redes você vai despende". Esse é apenas um exemplo da comoção pública gerada em rede quando se tem temáticas ora sensíveis, ora que afetam um número considerável de pessoas.

Esse “gatilho” não será analisado no decorrer deste texto, mas serve de exemplo para o que Susca (2022; 2023; 2024) chama de "cultura numérica". Essa ideia de cultura numérica digital, a partir do espaço imenso ocupado pelas redes sociais contemporaneamente, orienta a análise que se segue sobre trabalho doméstico e a sua apreensão virtual a partir das redes sociais. De um lado, tem-se o *trabalho como conteúdo* (atividades domésticas são publicizadas para gerar material de divulgação). De outro, *trabalho real virtualizado* (redes sociais como criação de comunidades e nova plataforma de trabalho). Ambos, a meu ver, compartilham uma faceta dentro da prática mais ampla do trabalho doméstico remunerado, que incorpora cultura, imaginário e algoritmo em um só lugar (Silva, 2006; Berardi, 2010; 2019; Susca, 2017; 2022). No entanto, para o imaginário social, apenas um deles é ainda considerado trabalho. Assim como suas praticantes são também trabalhadoras domésticas, porque aparecem no campo do real (Bastide, 2016; Santos, 2021).

Ambos os contextos envolvendo trabalho doméstico, quando elaborados e compartilhados em rede, apontam para uma dupla pertença, tanto de quem produz quanto de quem consome. Também, para uma tentativa de dupla "monetização", já que ao apresentar seu trabalho, a rede serve de mecanismo de propaganda e contratação. Se você for "famosa" o suficiente ou tiver as possibilidades para trabalhar em sua reprodução simbólica, também será compensada monetariamente a partir da reprodução do conteúdo em rede, da pressão algorítmica por seu compartilhamento e da comunidade com ele criada. Uma prática que se materializa pelas

sociomaterialidades geradas pela relação entre redes sociais e pessoas. Portanto, entre elementos humanos e não-humanos.

2. SOCIEDADE DO TRABALHO EM REDE: AS REDES SOCIAIS E AS NOVAS FORMAS DE PRATICAR O TRABALHO DOMÉSTICO

A relação humana e não-humana pode surgir a partir de dois contextos que serão introduzidos aqui: 1) *o trabalho na rede como plataformização dessa prática historicamente situada no privado*; e 2) *o trabalho doméstico como nicho de produção de conteúdo para as redes onde os seus produtores (os donos dos perfis) não são considerados trabalhadores e trabalhadoras domésticas*. Uma questão que surge dessa relação é: o que diferencia um praticante do trabalho doméstico remunerado de um produtor (também remunerado pelas redes, publicidades e afins) de conteúdos sobre trabalhos domésticos (organização, limpeza, dicas de produtos a utilizar etc.)? Seria o que a Teoria da Reprodução Social (TRS) chamaria de trabalho de reprodução em uma nova faceta? Mais produtiva e intermediada pelo algoritmo?

Essas dúvidas se inscrevem na tensão analisada, já que grande parte dos perfis que encontramos nas redes, para além das trabalhadoras domésticas plataformizadas, é elaborada a partir das experiências de "donas(os) de casa". Eles compartilham, de uma maneira mais orgânica (em que o engajamento é condicionado pela propaganda sobre o conteúdo), se comparados a perfis, também de limpeza, mas que brincam diretamente com o lúdico como uma forma de prender a atenção e reproduzir o algoritmo. Outro ponto que surge dentro dessa discussão é o das empresas de prestação de serviços domésticos, não apenas de perfis pessoais de uma empreendedora ou *personal cleaner* (Menezes, 2026).

Entretanto, também existem perfis que se colocam como franquias nacionais para compartilhar, aqui no Brasil, o que Toit (2023) chama de "procura externa pelo trabalho doméstico" na África do Sul. Essa realidade já era comum entre países do Norte global, onde se tem *clientes* e não *patrões*, como é o caso do Brasil. Exemplo dessa fonte de trabalho doméstico disponível e propagandeada nas redes sociais é o caso da franquia "*Marias Brasileiras*". A marca conta com diversas franquias, presentes na maioria dos estados brasileiros e que trazem, cada uma,

um perfil ativo nas plataformas sociais, como o caso do Instagram, que foi o principal mecanismo de busca e observação utilizado para esta análise. Essa plataformização do trabalho doméstico a partir de empresas e, em consequência, franquias, se assemelha mais ao que a Sociologia do Trabalho contemporânea vai chamar de plataformização do trabalho, onde o *tempo* e a *flexibilidade* se tornam mais uma vez a norma (Abílio, 2021; Ferreira, 2025).

No entanto, outros fatores também podem chamar a atenção nessa relação: a conexão estabelecida entre os perfis (sejam pessoais ou empresariais) e o público consumidor (quem vê os vídeos e interage com eles, seja para tomar para si as dicas ou para buscar um contato "bem recomendado" de alguém a desempenhar um trabalho para tal pessoa). Essa relação, por sua vez, se aproxima mais das tensões em torno das teorias da cultura, da digitalização e do que tomei como base aqui, da *tecnomagia*, como mecanismo de disseminação e criação de novas personalidades virtuais e reais a partir da cultura numérica (Belisário, 2014; Susca, 2023; 2024).

Aqui, podemos entender a *tecnomagia* como o transe produzido pelas conexões compartilhadas entre as pessoas em um território aberto e livre para exploração: a tecnologia e suas redes sociais. Nesse contexto, ela cria um ambiente específico que detém, em seu próprio domínio, o poder de entreter diferentes pessoas em grupos compartilhados, forjar novas experiências definidas por desejos comuns e a capacidade de transformar tudo em uma tendência e um novo modo de vida que começa (e, às vezes, termina) neste próprio mundo digital. No entanto, essa produção de um mundo imaginário por pessoas reais e desejos reais não existe inteiramente na esfera digital. Ela pode ir do real para o digital e vice-versa.

Com isso em mente, é nesse ponto de interseção que o trabalho doméstico parece se transformar de uma atividade privada em uma atividade pública. Mas não apenas isso: surge a presença de novos usuários que não são considerados trabalhadores domésticos, mas que se projetam nessa esfera de trabalho com um único objetivo em mente: a criação de um conteúdo de nicho. Há, com isso, um novo modo de fazer a cibercultura, celebrada por muitos, e o que resta no limiar entre humano e não-humano é o trabalhador (Faustino; Lippold, 2023).

Como ponto de intermédio entre uma visão e outra, poderíamos acionar uma vertente de viés marxista, da assim chamada *Teoria da Reprodução Social* (TRS) que atua como um *processo* de

redefinição da relação entre trabalho pago e não-pago (Gago, 2020). Isso se dá pela composição desses perfis a partir das experiências de mulheres, "donas de casa", que estão a rentabilizar (ou, na linguagem virtual, *monetizar*, uma mistura direta da palavra dinheiro em inglês, *money*, tornada verbo) sua experiência enquanto trabalho doméstico não remunerado e cuidadora de um lar. A TRS pode aparecer como momento de compreensão de quem está a produzir esses conteúdos e como podemos caracterizá-los a partir de quem cria, como cria, o que cria e como disponibiliza o conteúdo criado. Essa discussão se justifica pela forma como a produção é orientada pela reprodução (Gago, 2020), e entre uma dona de casa e uma trabalhadora doméstica, morais parecidas são compartilhadas. Elas também se retroalimentam tanto na produção do conteúdo quanto em seu consumo.

Estabelecer os parâmetros de comparação entre essas três culturas — reais, virtuais e tecnomágicas — a seus modos é onde este trabalho se insere. O foco, entretanto, é tensionado a partir da relação entre plataformização do trabalho x produção de conteúdo. Portanto, entre uma sociologia mais clássica que estuda as transformações atuais no mundo do trabalho (Oliveira; Ramalho; Sanson, 2023) em contraponto às teorias da cultura, onde a divisão entre mundo virtual e real é tornada ínfima pelo peso desempenhado pela cultura numérica na formação de identidades, tensões e novas morais virtualizadas. Essa apreensão é tomada a partir do conceito de *Tecnomagia*, aplicado por Susca (2023). Nessa divisão entre duas áreas de estudo que podem parecer completamente distintas, a prática do trabalho doméstico remunerado se reproduz. Também, novas facetas de suas praticantes, mais propensas ao subtipo de *praticante moderna*, em contraponto a uma face mais *convencional* (Menezes, 2026).

3. *ONLINE E OFFLINE*: NOVAS FORMAS DE PRATICAR O TRABALHO DOMÉSTICO?

Como usuária recorrente das redes sociais, observei vários pontos de conexão entre a vida *online* e a *offline*. Nessa esfera de relações sociais, o trabalho doméstico se configura como uma prática entrelaçada por comportamentos sociais, políticos e econômicos que definem seu lugar como uma prática subordinada no imaginário social (Menezes & Bispo, 2026; Menezes, 2026). Consigo pensar em, ao menos, dez perfis nas redes sociais (dentro da minha esfera de contato em plataformas digitais, como YouTube e Instagram) que têm a decoração e limpeza doméstica como forma de criação de conteúdo. Muitas vezes, esses dois tipos de conteúdo se misturam e se

entrelaçam de tal forma que a esfera doméstica e seus proprietários se tornam tanto o objetivo quanto o próprio conteúdo. Ao fazer isso, ele se reproduz com base na forma como imagens relacionadas aos cuidados com a casa, produtos de limpeza e marcas, novas ferramentas, novas marcas e novas maneiras de realizar a mesma tarefa repetidamente são postadas como forma de conteúdo e para obter interação rápida no mundo virtual.

A proliferação de marcas ou ferramentas de limpeza é um dos principais ramos da criação de conteúdo nas redes sociais. Esse primeiro conteúdo, de caráter objetivo, é seguido por um segundo, mais subjetivo, construído em termos publicitários (publicações com um público-alvo específico, à medida que o perfil cresce rapidamente na rede social). O que, à primeira vista, poderia parecer “apenas um trabalho”, retratado nas publicações, torna-se uma segunda obra: a tarefa de produzir o conteúdo que se assemelha a um trabalho. O trabalho em casa e o trabalho de produção de conteúdo para uma vida online estão indissociavelmente ligados em uma relação mista que envolve agências humanas e não-humanas (Shatzki, 2001), à medida que as novas formas de prática se tornam a regra de um mundo constantemente online, e que formam um novo arranjo sociomaterial.

Na mesma linha, poderíamos pensar que “[...] a tecnologia foi apresentada como um meio de dominação humana sobre a natureza, um instrumento capaz de resolver problemas e uma ferramenta eficaz para acentuar a disjunção com o ‘outro’” (Susca, 2023, p. 4). É por isso que, atualmente, os agentes humanos envolvidos (as pessoas que criam o conteúdo e trabalham) e os não-humanos (as próprias redes sociais, as plataformas, as marcas, os utensílios e os produtos) aparecem em uma rede interconectada, na qual as preocupações e os impulsos são tratados como uma forma de conteúdo contínuo. Entretanto, ambos ainda compartilham de uma efervescência (Levi-Strauss, 1989; Bastide, 2016; Santos, 2021), que é constante e aparece enquanto uma função social das próprias redes virtuais.

Ao fazer isso, imagens de como uma casa deve ser, quais utensílios e produtos usar e preocupações compartilhadas sobre dicas domésticas (decoração, culinária, limpeza) poderiam ser acrescentadas a uma pilha de atrativos da plataforma. Nesse sentido, as encarnações contemporâneas trazidas pela tecnologia que deveria nos ajudar a apresentar um mundo mais fácil e novo representam, portanto, um novo mundo por si só. Como afirma Susca (2023, p. 5), ela “[...]”

tornou-se o portal para imaginários e práticas cujo aspecto ilógico, onírico e festivo prevalece sobre tudo o mais [...]”.

Às vezes, quem produz esse tipo de entretenimento não é quem realmente faz a limpeza ou tem isso como prática comum em sua vida. No entanto, no sentido em que escolhi debater aqui, eles também não são vistos como trabalhadores domésticos, arquitetos, designers e similares. Mas, como criadores de conteúdo independentes em nichos específicos, embora pareçam realizar práticas de trabalho comuns que são moldadas dentro do mercado de trabalho, sejam elas vistas como empregos “qualificados” (designers, arquitetos etc.) ou “não qualificados” e, portanto, subalternos (cozinheiros, trabalhadores domésticos etc.), por exemplo. No entanto, poderíamos nos perguntar: o que eles têm em comum com esses profissionais descritos? E o que muda quando o trabalho é feito para a produção de conteúdo? Essas duas perguntas podem servir de guia para o debate aqui pretendido: refletir sobre como o trabalho doméstico é retratado nas redes sociais em termos das conexões entre o que é considerado trabalho e o que é “apenas conteúdo”, de modo que surja uma terceira possibilidade: pensar no conteúdo como trabalho.

Com essa relação em mente, há uma conexão entre o trabalho doméstico como prática social e o imaginário social que é externamente inserido no mundo tecnológico, em uma nova vida virtual (Susca, 2016; 2019; 2023a; 2024). Quase como uma *cosmotécnica* dos novos tempos: mais neoliberais, mais líquidos e mais em rede (Hui, 2020; Mckinnon, 2021). Neste novo mundo real,

A dimensão simbólica da existência se expande e passa a pesar sobre todo o espectro do real, muito além da atividade onírica e da arte, a ponto de se tornar, graças aos novos dispositivos sociotécnicos, a arquitetura que, de invisível, se torna visível; de abstrata, torna-se concreta; de imaterial, torna-se material: ela se torna vida, experiência vivida, emoção compartilhada (Susca, 2022, 16)¹.

O trabalho doméstico, que é historicamente relegado e segregado à esfera privada, pode se apresentar, na contemporaneidade, como mais uma atividade “plataformizada”, na qual o seu valor ou seus trabalhadores podem ser visualizados e contratados por meio de canais digitais. Nesse contexto, o mundo digital torna-se uma extensão do mundo real e, ao mesmo tempo, cria suas

¹ No original: “La dimension symbolique de l’existence se répand et pèse désormais sur tout le spectre du réel, bien au-delà de l’activité onirique et de l’art, jusqu’à en devenir, grâce aux nouveaux dispositifs socio-techniques, l’architecture qui d’invisible se fait visible, d’abstraite devient concrète, d’immatérielle se fait matérielle : elle devient vie, expérience vécue, émotion partagée” (Susca, 2022, 16).

próprias exigências e formas de ver, falar e organizar pessoas, demandas e valores. Com isso em mente, podemos relacionar o que temos para este trabalho em termos de características históricas e de novas características criadas por essa forma *tecnomágica*. Ao fazer isso, podemos perceber como as redes sociais desempenham um papel importante não apenas nas formas como o trabalho pode ser realizado em um mundo *online* e conectado, mas também na forma como ele é visto e em quem são as pessoas que o realizam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, de caráter introdutório ao campo e à temática desenvolvida, buscou compreender as formas assumidas pelo trabalho doméstico no ambiente digital, o que é compartilhado sobre, através e além de sua imagem usual (a privada). Para tanto, devemos considerá-lo como uma performance compartilhada no mundo digital formado pelas mídias sociais, conteúdos e algoritmos. Ao mesmo tempo, podemos visualizá-lo como uma prática social moldada por valores morais subordinados que podem ser compartilhados (ou não) através de seu olhar digital. Esse texto teve como base uma revisão crítica da sociologia do trabalho e da sociologia do imaginário, juntamente com uma etnografia virtual em uma rede social de amplo espectro, o Instagram, a partir de perfis, conteúdos e atores envolvidos no principal problema aqui discutido (atividades domésticas, remuneradas ou não).

Cria-se um imaginário em que elementos como a internet e seus círculos internos são apresentados como uma nova ferramenta capaz de reparar e destruir mundos e, ao mesmo tempo, criar o seu próprio. Em nossa nova realidade, especialmente para aqueles que utilizam as redes sociais diariamente, é palpável perceber que as tecnologias podem tanto criar quanto destruir novos cosmos (Hui, 2021), à medida que se desenvolvem sob a forma de uma magia para os novos tempos (Susca, 2017; 2022). Habitar uma nova arena pública é uma ação obrigatória tanto para quem produz quanto para quem consome os conteúdos compartilhados. Trata-se de um mundo virtual coletivo que avança no tempo e no movimento, desde que as pessoas interajam com ele — de forma positiva ou negativa — para produzir mais conteúdo à medida que ele evolui.

Portanto, este trabalho se consolida buscando reconhecer um problema central: como as atividades domésticas aparecem no mundo digital ora como forma de conteúdo, ora como trabalho

propriamente dito, seja por atores ou trabalhadoras domésticas que buscam romper com o privatismo característico de sua ocupação. Nesse ambiente tecnomágico, nascem mais *personal cleaners* e produtores de conteúdo do que trabalhadoras domésticas. No entanto, compartilho da visão de que ambos os contextos partem de uma prática social mais ampla, já instituída como imaginário social comum.

Em trabalhos futuros e em uma versão mais aprofundada deste texto, onde os dados empíricos serão mais bem demonstrados, pretende-se compreender se essa forma tecnomágica — e plataformizada — reproduz o que entendo como trabalho doméstico remunerado como uma prática social subordinada pela interseção de gênero, raça e classe, juntamente com o seu comportamento privado (Menezes & Bispo, 2026). Ou se a imagem virtualizada dessa atividade pode remodelar o próprio trabalho ou os atores envolvidos nessa prática social, o que se aproxima da categorização que vem sendo feita sobre as *praticantes modernas* (Menezes, 2026).

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, L. C. (2021) Empreendedorismo, autogerenciamento, subordinação ou viração? Uberização e o trabalhador just-in-time na periferia. *Contemporânea*, v. 11, n. 3, p. 933-955.
- BASTIDE, R. (2016) *O sonho, o transe e a loucura*. São Paulo: Três estrelas, p. 392.
- BELISÁRIO, A. (Org.). (2014) *Tecnomagia*. Rio de Janeiro: Imotirô, 2014.
- BERARDI, F. “BIFO”. (2010) Precariousness, catastrophe and challenging the blackmail of the imagination. *Affinities - A journal of radical theory, culture and action*, v. 4, n. 2, p. 1-4.
- BERARDI, Franco. (2019) *Depois do futuro*. São Paulo: Ubu Editora, p. 192.
- COZZA, M.; GHERARDI, S. (2023) Posthuman feminism and feminist new materialism: towards an ethico-onto-epistemology in research practices. In: SAIJA, K.; MERILÄINEN, S.; BELL, E. (Orgs.). *Handbook of feminist research methodologies in management and organization studies*. Reino Unido: E.E. Publishing, pp. 55-71, p. 482.
- GAGO, V. (2020) *A potência feminista, ou o desejo de mudar tudo*. São Paulo: Elefante.
- FERREIRA, L. S. (2025) Tempo e trabalho: flexibilidade como ideologia empresarial. *Revista de Ciências Sociais*, v. 56, p. 1-22.
- GHERARDI, S. Caring as a collective knowledgeable doing: about concern and being concerned. *Management Learning*, v. 47, n. 3, p. 266-284, 2015.
- HUI, Yuk. (2020) *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu Editora, p. 224.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1989) *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus.
- MENEZES, M. C. L. de. (2026) *Além da moral subalterna: práticas, praticantes e morais do trabalho doméstico remunerado no imaginário social*. (Tese de doutorado no prelo)
- MENEZES, M. C. L. de. (2026) A moral subalterna da prática do trabalho doméstico remunerado pela lente pós-humanista. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro.
- MCKINNON, S. (2021) *Genética neoliberal: uma crítica antropológica da psicologia evolucionista*. São Paulo: Ubu Editora.

- OLIVEIRA, R. V. de; RAMALHO, J. R.; SANSON, C. (2023) Diálogos críticos: o pensamento estrangeiro e a sociologia do trabalho no Brasil. São Paulo: Annablume.
- SANTOS, D. M. A. de A. P. dos. (2021) Considerações sobre o real, o simbólico e o imaginário acerca da loucura na sociedade. *Veredas da História*, v. 14, n. 2, p. 47-57.
- SILVA, J. M. da. (2006) *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, ed. 2, p. 111.
- SUSCA, V. (2007) *Nos limites do imaginário: o governador Schwarzenegger e os telepopulistas*. Porto Alegre: Sulina, p. 112.
- SUSCA, V. (2017) La technomagie et le quotidien - Sociologie de l'émotion publique. *Famecos - Mídia, cultura e tecnologias*, v. 24, n. 1, p. 1-11.
- SUSCA, V. (2019) *As afinidades conectivas: para compreender a cultura digital*. Porto Alegre: Sulina, p. 238.
- SUSCA, V. (2022) Habiter l'imaginaire. Sociologie de la culture numérique. *IM@GO - A journal of the social imaginary*, n. 20, ano 11, p. 15-29.
- SUSCA, V. (2023) Theory of technomagic: spells, ecstasy and possessions in digital culture. *Comunicação e sociedade*, n. 44, p. 1-17.
- SUSCA, V. (2024) *Tecnomagia: êxtase, totem e encantamento na cultura digital*. Porto Alegre: Sulina, p. 176, 2024.
- SCHATZKI, T. R. (2001) Introduction: Practice theory. In: SCHATZKI, T. R. et al. (ed.). *The Practice Turn in Contemporary Theory*. New York: Routledge, p. 1-14.
- SCHATZKI, T. R. (2010) Materiality and social life. *Nature and Culture*, v. 5, n. 2, p. 123-149.
- TOIT, D. du. (2023) Paid domestic work and outsourcing in South Africa: client's views on trust, control and power relations. *Current Sociology*, v. 7, n. 6, p. 1063-1081.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA:

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE:

A autora declara que não há conflito de interesses a mencionar.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL:

O uso de inteligência artificial no decorrer deste artigo se deu para a realização de tradução dos resumos e palavras-chave para os idiomas inglês e espanhol, através de aplicativo de tradução online. Não foi utilizada qualquer ferramenta para escrita ou melhoria de texto, ideia ou revisão bibliográfica.

FINANCIAMENTO:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), a partir de uma bolsa de doutoramento. Também, de uma bolsa de doutorado sanduíche no exterior (NEOMA Business School, Reims, França) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), entre 2025 e 2026.

MINIBIOGRAFIAS

Maria Clara Lima de Menezes

Graduada em Ciências Sociais (UFPB), Mestra em Sociologia (PPGS/UFPB) e doutoranda em Sociologia pela mesma instituição. Pesquisa, desde a graduação, tópicos referentes a Sociologia Rural e do Trabalho; Gênero, Raça e Feminismos; Trabalho e Desigualdades Sociais.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.